



ÚLTIMAS LIÇÕES

VIAGENS LITERÁRIAS E OUTRAS UMA VIAGEM POR TEXTOS AO MÉDIO ORIENTE NOS ANOS 30

GONÇALO VILAS-BOAS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
PORTO 2015

Gonçalo Vilas-Boas é licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra e doutorado em Literatura Alemã pela Universidade do Porto (1987), com a dissertação *A Trilogia de Wolfgang Koeppen. Um Discurso de Resistência*. Professor Associado em 10.1.1997, prestou provas de agregação em 26 e 27 de julho de 2004, e tomou posse como Professor Catedrático em 2005. Iniciou a actividade letiva na FLUP em Dezembro de 1975. Membro do Departamento de Estudos Germanísticos da FLUP, onde leccionou Língua Alemã e Literatura Alemã, a nível da licenciatura e posteriormente a nível de Mestrado e Doutoramento. Foi responsável por alguns intercâmbios Erasmus. Responsável científico dos cursos livres de línguas não conducentes a grau. Foi Diretor dos mestrados em Texto Dramático e posteriormente do Mestrado em Estudos de Teatro. Foi membro do Grupo Interuniversitário de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras de Coimbra. Desde 1999 até 2015 foi coordenador científico do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, de que continua membro investigador, dirigindo atualmente o Grupo de Investigação Inter/Transculturalidades. As áreas de investigação principais são: a literatura de expressão alemã do século 20, com especial incidência sobre a literatura suíça de expressão alemã (como Annemarie Schwarzenbach, Friedrich Dürrenmatt, Max Frisch, Lukas Bärfuss, Martin R. Dean, Christian Kracht), o teatro de August Strindberg, o Minotauro na literatura ocidental, a literatura de viagens e a literatura policial, sobre os quais publicou inúmeros artigos em Portugal, na Alemanha e na Suíça e algumas antologias. Organizou e co-organizou várias jornadas e colóquios nas áreas da literatura alemã e nórdica. Distinguido em junho de 1994 como Cavaleiro de Primeira Classe da Real Ordem Sueca da Estrela Polar.

VIAGENS LITERÁRIAS E OUTRAS UMA VIAGEM POR TEXTOS AO MÉDIO ORIENTE NOS ANOS 30

Gonçalo Vilas-Boas

Ficha Técnica

Título: ***Viagens literárias e outras: Uma viagem por textos
ao Médio Oriente nos anos 30***

Autor: ***Gonçalo Vilas-Boas***

Edição: ***Faculdade de Letras da Universidade do Porto***

Ano de Edição: ***2015***

Coleção: ***Últimas Lições***

Execução Gráfica: ***Clássica - Artes Gráficas / Porto***

Tiragem: ***150 exemplares***

Depósito Legal: ***402206/15***

ISBN: ***978-989-8648-58-7***

APRESENTAÇÃO

Dando continuidade à coleção *Últimas Lições*, que este ano se iniciou para registrar as intervenções dos docentes da FLUP no momento em que se retiram das funções oficiais, esta publicação torna acessível ao público o texto da “lição” que o Professor Doutor Gonçalo Vilas-Boas, professor catedrático do Departamento de Estudos Germanísticos, proferiu por ocasião da sua jubilação.

A carreira académica do Professor Gonçalo Vilas-Boas teve início na Faculdade de Letras no ano de 1975. Ao longo de quarenta anos exerceu atividade docente na área dos Estudos Alemães e de Expressão Alemã e desenvolveu investigação, não só na mesma área, como também no campo da Literatura Comparada, além de ter sido o impulsionador dos cursos livres de línguas, especialmente de idiomas com menor representatividade de falantes no nosso país, como as línguas nórdicas, o persa, o árabe, o russo ou o turco. Nos últimos quinze anos, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa tem sido a sua unidade de investigação, na qual muito se envolveu, nomeadamente pelo exercício do cargo de coordenador científico, que ocupou até à jubilação.

A “última lição” do Professor Gonçalo Vilas-Boas foi dedicada ao tema da literatura de viagens e o texto que agora se publica é, em si mesmo, um convite ao leitor para “viajar” por obras de diversos autores, ficando ao mesmo tempo a conhecer melhor os traços que caracterizam este tipo de literatura.

O Professor Gonçalo Vilas-Boas continua a ser um membro da FLUP, envolvido nas atividades do centro de investigação que ajudou a construir e onde desejamos que continue a colaborar. A FLUP presta-lhe esta singela homenagem, em sinal de gratidão pelos muitos anos que dedicou, de forma tão empenhada, à instituição.

Fernanda Ribeiro

Diretora da FLUP

**VIAGENS LITERÁRIAS E OUTRAS.
UMA VIAGEM POR TEXTOS AO MÉDIO ORIENTE NOS ANOS 30**

Gonçalo Vilas-Boas

“A nossa vida assemelha-se à viagem/ de um caminhante na noite”. Assim começa uma canção que os soldados suíços ao serviço de Napoleão cantavam na longínqua Rússia. É também de uma viagem que me ocuparei aqui, como professor jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em primeiro lugar, referir-me-ei à minha viagem de quase 40 anos pela Universidade, depois falarei de três escritores que viajaram pelo Médio Oriente nos anos 30 e deixaram o seu testemunho em textos viáticos.

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi a minha segunda casa durante quase 40 anos; gostei dela e ainda gosto e por cá continuarei, se me deixarem: no Instituto de Literatura Comparada, nos corredores, nos bares, subindo e descendo escadas, mas com passo menos apressado. Quero continuar a investigar, mas sobretudo a ser o leitor que sempre fui: de livros académicos, de livros de viagens, policiais com mais ou menos sangue, mais ou menos suspense, de romances, poemas, peças teatrais... Em geral, gosto de acabar um livro começado, por vezes, tenho mesmo pena de me despedir de uma ou outra personagem, mas também acontece que me despeço deles quase no princípio. Os livros têm que me dar prazer, dar-me qualquer coisa. Tenho de entrar em sintonia com eles.

Enquanto a Itália festejava a sua libertação de Mussolini, no dia 25 de Abril de 1945, a minha mãe trouxe-me para este mundo, que fui conhecendo aos poucos, numa família numerosa, com quatro irmãos e o número correspondente de bicicletas, e onde, desde logo, duas línguas conviviam, o português e o inglês. Cedo comecei a viajar sozinho – a primeira meta foi Amesterdão, seguiram-se a Suíça e a Alemanha, mais tarde a Escandinávia - e tudo isso marcou definitivamente a minha visão do mundo.

Licenciei-me na Faculdade de Letras de Coimbra em Filologia Germânica: recorde os meus colegas, os estudos em Montesinho, em Miramar, tentando compreender Hölderlin, Shakespeare e muitos outros autores de língua alemã e inglesa. Cinco anos a viajar entre o Porto e a Lusa Atenas, à boleia, de comboio, de autocarro, a aprender, a fazer greve em 1969, a conviver, a frequentar a Casa Alemã, a cantar no Coral das Letras da FLUC. Recordo também a Professora Maria Manuela Delille, que muito me marcou nas suas aulas de Literatura Inglesa e de Literatura Alemã. Depois, o Estado português queria que eu fosse para a Guiné, mas enganei-me no transporte e fui dar comigo em Paris, onde fui porteiro noturno num hotel perto da Étoile. Uma manhã, a empregada disse-me “Oh Monsieur Mic (era o meu nome, o meu verdadeiro nome em terras da Gália presta-se a más interpretações, confundindo-se com Grand Salot) aconteceu alguma coisa no seu país”. Ao longo do dia fui sabendo mais desse 25 de Abril. Meses depois, de novo na tropa, mas na pacífica. Até que um antigo colega de Coimbra, o Professor Carlos Azevedo, me aliciou a vir dar aulas para a FLUP. Dito e feito: em Dezembro de 1975 entrei nesta instituição onde agora me jubilo.

Como todos os desse tempo podem testemunhar, a FLUP mudou muito nestes 40 anos.

Na Rua das Taipas comecei a dar aulas de Alemão e de Literatura Alemã, numa altura em que tínhamos aulas de língua com turmas enormes. Um dia, conheci uma colega que também começava as aulas às 8.30. Algum tempo depois, casámos. A Faculdade passou para as instalações da Rua do Campo Alegre, a situação profissional melhorou, tendo o número de alunos diminuído. Lecionei diferentes disciplinas, que hoje se chamam Unidades Curriculares, fui Assistente do Professor José Augusto Seabra e, como todos nesse tempo, fui regente e assistente de mim próprio e, aos poucos, fui construindo a minha carreira académica. Com o precioso apoio do Professor Olívio Caeiro, descobri o escritor alemão Wolfgang Koeppen, onde se cruzam a história, a ficção, a viagem, a literatura como resistência e, sobretudo, uma notável construção narrativa com personagens complexas, num tempo e num espaço labirínticos que, sendo os dos anos 50 da RFA, assumem uma universalidade que me cativaram e de que procurei dar conta na minha tese de doutoramento em 1987. No doutoramento visitei igualmente Peter Weiss e o seu encontro do processo de Kafka, autor que nunca deixei de ler e reler, à procura do sentido impossível que ele imprimiu às suas obras. A partir daí, nas aulas escolhia sobretudo autores dos diferentes países de língua alemã, da RFA, da RDA, da Áustria e da Suíça.

Ao mesmo tempo olhava mais para Norte, para o país de onde saíram os vikings orientais em direção ao Mar Negro; a sonoridade do sueco, a cultura e a realidade suecas, em particular o cinema de Ingmar Bergman e alguns autores como August Strindberg, Stig Dagerman e Karin Boye interessaram-me; e, assim, comecei a organizar cursos livres de línguas ditas ‘exóticas’, mais corretamente línguas que a FLUP não tinha nos seus planos curriculares, depois de Roza Huylenbroek ter iniciado, como pioneira, o curso livre de Neerlandês. Gostei muito dessa atividade, ao princípio sem grandes apoios institucionais, e a partir dos anos 90 sempre com o apoio imprescindível e competente do Gabinete de Formação Contínua, já neste edifício.

Com o doutoramento concluído e durante a década de 90 continuei a fazer aquilo de que gostava de fazer: dar aulas e investigar, escrevendo para a RUNA, a Revista de Estudos Germanísticos, e indo a vários congressos. Fui subindo na escada da academia, passando por várias provas. E organizando, com outros colegas, colóquios, *workshops*, conferências, sessões de divulgação cultural. Os meus contactos com o Goethe-Institut são também de longa data e continuam no presente. Assim como com as Embaixadas da Suíça e da Suécia. A colaboração com a Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos (APEG) e com a Associação Portuguesa de Professores de Alemão (APPA) foi igualmente importante, e aproveitei esta sessão para agradecer toda a colaboração e estima com todos com quem fui trabalhando ao longo de muitos anos, dentro e fora da Faculdade.

Contactei, nessa altura, com abordagens comunicativas, rececionais, narratológicas, mas também com alguns aspetos do construtivismo e do contextualismo. Foi com essas linhas-mestras que fui fazendo o meu currículo, nunca me fechando a modelos, mas mantendo as portas sempre abertas, porque, no meu ponto de vista, a complexidade do fenómeno literário permite sempre várias abordagens, de modo a captar a componente artística pela palavra, a literatura como expressão do outro, tendo sempre em conta os seus contextos, dos dois lados da obra literária: o da produção e o da receção. E, sobretudo, com a convicção, ancorada em Ludwig Wittgenstein, que os limites da minha língua são os limites do meu mundo.

Como docente tive sempre presente a ideia de que ensinar a ler é ajudar os estudantes, através do prazer da leitura, a alargarem, também eles, os seus mundos, alargando as suas capacidades linguísticas e o sentido estético.

Entretanto, viajava muito à custa do Programa Erasmus: dei aulas e tive reuniões dos vários grupos em que estava inserido, em Amesterdão, Estocolmo, Oslo, Zurique, Essen, Dublin, Leipzig, Torino, Bergen, Umeå, Gotemburgo, Oulu. As minhas principais ligações foram com a Universidade de Essen e a UCD de Dublin, muito especialmente, com os Professores e amigos Jochen Vogt, Hugh Ridley e Hannes Krauss. A eles muito devo.

Em 1999, a grande amiga e colega Margarida Losa teve a brilhante ideia de criar o Instituto de Literatura Comparada, uma área praticamente inexistente na FLUP; como especialista na área, Margarida Losa estranhou a sua ausência na Faculdade e, por isso, deu os primeiros passos para a criação do Instituto que agora leva o seu nome. Infelizmente faleceu em 1999 e não pôde partilhar connosco o seu entusiasmo, a sua força, a sua teimosia em concretizar o que achava que tinha que ser feito. A Literatura Comparada é uma área viva, e, no Instituto, todos os membros, integrados e colaboradores, têm participado ativamente nas diferentes áreas, com maior ou menor interligação, para chegar ao que hoje é. A todos eles estou muito grato. Com efeito, a participação no Instituto de Literatura Comparada determinou o meu percurso académico a partir de 2000, abrindo a investigação a áreas temáticas novas, nomeadamente a literatura de viagens, a literatura policial e a presença de alguns mitos nas literaturas contemporâneas. Parafraseando Jorge de Sena, tomei uma chávena de café com o Minotauro, não aquele que Teseu diz ter morto, mas aquele que o rei Mínos recebeu e encarcerou no labirinto, onde Cortázar o fez criar um exército de artistas. Assim, partilhei a minha caminhada com os colegas do

DEG e de outros departamentos, do ILC e outros centros de investigação da FLUP. Mas também com a Universidade de Coimbra através do CIEG, com a Universidade do Minho, com as duas Universidades de Lisboa e com a UTAD.

Apesar da abertura que a literatura comparada me proporcionou, na investigação mostrei alguma predileção pela literatura suíça de expressão alemã.

Igualmente, a nível das aulas do 1º ciclo, foi sobretudo a literatura de expressão alemã que privilegiei, tendo trabalhado temas e textos variados, desde Robert Walser a Franz Kafka, passando por Annemarie Schwarzenbach e Heinrich Böll, Friedrich Dürrenmatt e Max Frisch, Peter Handke e Ingeborg Bachmann, Christa Wolf e Anna Seghers, Bernhard Schlink e Peter Stamm. Autores que fui partilhando com os alunos, sempre com a vontade de formar leitores que continuassem a ler e a gostar de ler, uma vez terminados os seus estudos.

Nos 2ºs ciclos, uma das linhas de leccionação e de investigação a que também me dediquei prendeu-se com o teatro, a partir da excelente colaboração com o saudoso Paulo Eduardo de Carvalho e com a Alexandra Moreira da Silva. Na área do teatro, foi sobretudo o vulcânico August Strindberg que se me impôs, mas também o seu não necessariamente amigo Henrik Ibsen.

O outro grande tema que investiguei foi, como já disse, os mitos. Partindo das primeiras fontes escritas, tentei perceber a história de algumas narrativas, sobretudo as ligadas ao labirinto de Cnossos e ao seu habitante Minotauro, Asterion de seu nome. A leitura mitológica vê nessa figura a encarnação do mal, do instinto. Com Nietzsche e, depois, com os surrealistas, começam a aparecer as narrativas mitocríticas, de que fala Manfred Schmeling, que, mantendo os elementos base da narrativa mitológica, constroem outras leituras, pondo em causa a interpretação tradicional. 'Le monstre était beau', afirma Jean Cocteau no início do século XX. O Minotauro passa a ser encarado como uma figura positiva, mantendo a sua forma de monstro, a aceitação do lado instintivo, já não visto como pecaminoso. Seja como for, no século XX temos, simultaneamente, os dois Minotauros: o símbolo do negativo e o símbolo do positivo. Lembremo-nos, por exemplo, da tauromaquia de Picasso. Nas aulas trabalhámos sobretudo a peça de Julio Cortázar, *Los Reyes*, o conto *La casa de Astérion*, de Jorge Luis Borges, *Minotaurus. Eine Ballade*, de Friedrich Dürrenmatt, o poema 'Em Creta com o Minotauro', de Jorge de Sena, e alguns poemas de Sophia de Mello Breyner. Ultimamente, tenho também incluído no programa de Mitos nas Culturas Contemporâneas a peça de Ana Luísa Amaral *Próspero morreu*. Neste seminário abordámos igualmente as figuras das Sereias ao longo dos séculos e as Ondinas, desde o Romantismo Alemão, a partir do texto *Ondina*, de Friedrich de la Motte-Fouqué até *Undine geht*, de Ingeborg Bachmann, estabelecendo rotas de leitura nesta imbricada viagem pelos textos sobre os espíritos das águas e suas interpretações.

Outro dos meus interesses foi a literatura de viagens. Desde sempre o homem se deslocou pelas mais diferentes razões, desde a pastorícia a razões militares e políticas, desde o desejo de investigar outros mundos, até às aventuras e, claro, ao turismo. *Homo viator*, sim, mas também *homo narrans*, duas das atividades mais antigas da humanidade. A literatura de viagens não é mais do que uma descendente daquelas atividades primordiais. Porém, aqui é necessário fazer uma distinção: nem todos

os textos de viagem pertencem à categoria literatura. Pensemos, por exemplo, nos guias, que, na Alemanha, surgiram já em meados do século 19, com a célebre série Baedeker, a primeira a atribuir estrelas a monumentos - ainda que só uma -, e que não têm nem pretendem ter valor literário. Outra fronteira difícil de definir é a dos textos em jornais e revistas, alguns, aliás, de grande qualidade. Como textos de jornal, acabam, com alguma rapidez, nos contentores de lixo; mas, se reunidos em forma de livro, podem ter, mais facilmente, condições de entrar na categoria de literatura. O modo de publicação é um fator muito importante na recepção da literatura, como sabemos. Contudo, o que me interessa é a literatura de viagens que, sendo sempre a construção de um espaço alternativo, tem valor estético e poético. O que distingue o literário e o não literário neste gênero é, sobretudo, o trabalho de linguagem, de construção narrativa, a relação do sujeito enunciador com o enunciado.

Na literatura de viagens em geral, os espaços são vividos sempre de modo relacional: a qualidade da observação faz com que um viajante veja esse outro espaço a partir do seu, podendo esta relação ser mais ou menos forte. O leitor é obrigado a viajar, portanto, noutro espaço, aquele que é construído pela linguagem. Ele acredita no *fair play* do viajante textual, não tendo possibilidade de verificar a veracidade dos factos relatados, uma vez que está a ler o que Hayden White designa por “fictions of factual representation” (in Holland/ Huggan 2000: 10). O lado informativo perde a função dominante que já tinha tido, ganhando o lado subjetivo um papel central. Assim, Lisle vê a literatura de viagens como um “telling of a journey” (Lisle 2006: 4).

Sendo assim, torna-se pouco importante, no ato da leitura, a predominância do factual – o que interessa é o texto que é lido. Na literatura de viagens, a escrita representa uma representação mental do espaço elaborado pelo autor em deslocação (vd. Hallet/ Neumann 2019: 42). Se, em muitos textos, o eurocentrismo, ou melhor o ocidentocentrismo, é dominante, fazendo parte da ‘enciclopédia’, tal como Umberto Eco a definiu, do “frame of reference” contemporâneo (Holland/ Huggan 2000: 5) que cada escritor ou leitor transporta, esse aspeto está mitigado na era do pós-colonialismo. O viajante transporta consigo uma perspetiva política, no sentido em que observa, perspetiva, comenta, mantendo na maior parte das vezes, mas nem sempre, uma abertura às realidades geográficas, sociais, culturais que visita, que lhe são estrangeiras, “estranhas”, construindo esses espaços outros a partir do que experienciou.

Como veremos, comum aos três autores que analisarei aqui é a procura do outro, nos vários sentidos da palavra. Neste sentido, os textos de viagem são sempre relacionais: alguém encontra um outro, habitando um espaço diferente. Por vezes, o motor da viagem e da escrita é a nostalgia: o viajante procura noutros espaços aquilo que já não tem no seu país e julga poder encontrar noutros lugares, histórias de entusiasmos e deceções. Ou, levado pela curiosidade, pelo desejo de alargamento de horizontes, ou simplesmente levado pelo desejo de fuga das suas origens.

Outra característica da literatura de viagens é, quase sempre, a existência de imagens estandardizadas, estereótipos culturais, leituras prévias. No caso que nos interessa, trata-se de viagens ao Médio Oriente e a visão que os ocidentais faziam

12

deste espaço nos séculos XIX e princípios do XX é muito marcada por *As Mil e Uma Noites*. Edward Said falava de 'Orientalismo', defendendo a ideia de que o viajante ocidental levava consigo um modo de ver colonial e imperial. Said fala mesmo de "orientalizing the Oriental" (Said 1995: 49): o oriental colonizado deve corresponder à imagem que o colonizador constrói dele. Também é característica a apresentação do oriental em grupo e não como um indivíduo. Além disso, é um ser inferior, tradicionalista, estagnado no tempo. Ainda que as teorias de Said devam ser postas em causa em alguns aspetos, não deixa de ser verdade que nos autores escolhidos – e em muitos mais – vamos encontrar imagens semelhantes sobre o Oriente, marcadas por uma perspetiva ocidental de superioridade. Pensemos também no modo de viajar a partir dos anos 20 e 30 do século XX: os viajantes deslocam-se de automóvel, o que em si representa um sinal de superioridade técnica, são recebidas pelas autoridades das aldeias por onde passam, representam a civilização, a Europa. E raramente falam árabe ou farsi para se entenderem diretamente com as populações, sendo obrigados a utilizar tradutores, que muitas vezes 'traduziam' tendo em conta outros fatores para além dos tradutológicos. Claro que, a partir da segunda metade do século XX, a questão vai-se gradualmente modificando, à medida que a relação colonial da Europa com essas regiões se transforma.

Outra questão prévia é o fascínio dos ocidentais pelo Próximo e Médio Oriente. Porquê viajar para o Próximo Oriente? Sabemos que essa zona é o berço da nossa civilização ocidental, pelo que, apesar das enormes diferenças culturais e sociais, há algo de comum, que se manifesta sobretudo na memória, o que justifica a presença de referências quer a acontecimentos históricos quer ao património nos textos dos autores citados. Daí a importância das relações intertextuais na literatura viagística e também dos contextos das viagens e da sua posterior transformação em palavra.

A escolha desta região asiática tinha também a ver com a relativa facilidade de acesso. Karolina Fell diz a respeito das viagens:

O processo de transformação das sociedades do Médio Oriente entre a tradição e a modernidade torna-se visível nas apresentações de pontos de atrito e contradições, criados pelo encontro de elementos da tradição e da modernidade. (Fell 1998: 73; trad. minha)

Feitas estas considerações iniciais sobre literatura de viagens e sobre a importância do Médio Oriente no imaginário ocidental, vamos agora analisar brevemente alguns textos de viajantes dos anos 30, que muito me interessaram: os da sueca Maud von Rosen, do inglês Robert Byron e da suíça Annemarie Schwarzenbach.

Pouco se sabe da vida da condessa sueca Maud von Rosen, nascida em 1902. Casou com um diplomata, o que lhe permitiu viajar e escrever dois livros sobre os países onde esteve: *Olhamos para a América*, de 1933 (*Vi tittar på Amerika*) e o livro que aqui nos vai interessar *Insh'Allah! A história de uma viagem através da Pérsia com as suas experiências e aventuras* (*Insh'Allah! Upplevelser och äventyr under en resa i Persien*), de 1935 e nunca reeditado na Suécia. O livro começa com uma fotografia a página inteira do Xá da Pérsia, apesar da oposição manifestada pela autora. Na tradução inglesa de 1937, aquela fotografia foi substituída por uma fotografia da viajante a cavalo numa paisagem persa. Von Rosen opta por ser uma observadora

que dá lugar a uma multiplicidade de vozes, incluindo algumas muito críticas face ao regime e outras que revelam a dificuldade de apreender um país tão diferente. Uma das pessoas que a viajante encontra, Madame Ley Bey, diz:

Visitar um país com costumes tão diversos, com tipos faciais diferentes, e uma mentalidade tão estranha que a própria compreensão é um problema, mas deve ser uma experiência que vale a pena. (von Rosen 1935: 23; trad. minha)

Deste modo, a sua perspetiva eurocêntrica vai sendo confirmada ou corrigida. Tal como os outros viajantes aqui tratados, também von Rosen se debate com um grande dilema: por um lado, aceita a necessidade de o Xá modernizar o país, nomeadamente em infra-estruturas; por outro lado, pressente que o país está a perder as suas tradições, os modos de vida, o nomadismo tradicional, enfim, uma cultura incompatível com uma sociedade moderna, isto é, naquela altura, europeia. Enquanto descreve a modernização, as fotografias mostram o outro lado, o tradicional, num diálogo muito curioso entre a escrita e a imagem (*vd.* Cronkvist/ Edman). Irrita-se com outros viajantes, sobretudo senhoras inglesas que demonstram “uma ignorância soberana”. Uma delas, que está a “doing the Orient”, está desapontada, pois o lado romântico do seu orientalismo já não existe: “Não encontrei nenhum esplendor oriental”, diz a queixosa no livro (von Rosen 1935: 222). Von Rosen critica alguns aspetos da sociedade iraniana, mas tem uma perspetiva aberta. Assim, para perceber a Pérsia, a autora acha absolutamente necessário conhecer o Islão. Para tal, dá voz a um ‘mullah’, para que seja ele a apresentar a religião e não ela própria. Assim como von Rosen e outros europeus estranham o comportamento das mulheres persas, também estas acham estranho alguns comportamentos europeus. A viajante textual mostra um exemplo: aquando de um passeio a cavalo, as mulheres persas acham estranho o facto de os europeus darem à mulher o privilégio de usar um bom cavalo:

Com espanto viram como um dos diretores me ajudou a montar a melhor mula. No seu ponto de vista, não tinha a menor importância em que animal é que a mulher ia, logo que o homem chegasse são e confortável. (*idem*: 204)

Também achavam curioso que a condessa andasse por ali sem o marido. Um persa até se ofereceu para a comprar por 15 tomans (na altura o equivalente a 2 libras e 10 pennies)!

O livro termina com esta frase: “Sim, Mullah Mohammed Ali, voltarei com alegria ao Irão” (*idem*: 288).

Trata-se, portanto, de um livro com interesse no âmbito geral da literatura de viagens, em que o encontro entre civilizações é tratado através de uma escrita viva e cativante.

Numa perspetiva diferente, situa-se *Road to Oxiana*, de 1935, de Robert Byron (1905-1941), um livro que Bruce Chatwin considerou, quiçá com algum exagero, um paradigma da literatura de viagens.

O interesse deste autor nesta viagem era essencialmente o estudo da arquitetura persa muçulmana dos Seljúcidas, dos séculos XI a XIII, dos Timúridas, entre 1387 e 1502 e dos Safávidas, entre 1502 e 1737. O livro foi escrito alguns anos depois da viagem, o que lhe permitiu alguma distância e a introdução de momentos mais pessoais e mais imaginativos. Humanista e anti-fascista, detestava tudo o que fosse anti-humanista na política e na religião. E também não era grande apreciador de alguns aspetos do colonialismo britânico. Escreve a certa altura:

Conhecemos bem estes viajantes modernos, estes delegados de turma que cresceram depressa demais e os pseudocientistas enfadonhos para aqui enviados por congregações de funcionários apagados para verificar se as dunas de areia cantam e se a neve é fria (...). Chegam aos recantos mais longínquos da Terra, mas para além de comprovarem que as dunas cantam realmente e que a neve é mesmo fria, que observam eles que enriqueça o espírito humano? Nada. (Byron 2014: 343)

A viagem começa a 20 de Agosto de 1933, em Veneza (*vd.* Knox 2004). O percurso de Viena até à Pérsia ocupa 30 páginas. A Pérsia ocupará 126 páginas, o Afeganistão 90, das quais 23 na cidade de Herat. O regresso a partir da Índia limita-se a escassas 4 páginas. Esta distribuição permite perceber os interesses do autor. Byron é muito crítico em relação às perspetivas orientalistas dos europeus, especialmente dos britânicos; e também do Xá da Pérsia, que denomina de ‘Marjoribanks’, designação inventada para evitar problemas: “É melhor chamar-lhe Marjoribanks para nos lembrarmos de quem estamos a falar” (*idem*: 62). O Xá, formado na Europa e querendo modernizar o país, obriga os homens a usar chapéus parecidos com os da polícia parisiense. O relato move-se em dois eixos narrativos: as condições da viagem, difíceis em tempo de chuva, e a outra, os aspetos históricos ligados aos monumentos que visita, sobretudo mesquitas, palácios, mas também praças, como a celeberrima praça de Isfahan, sobre a qual escreve:

É possível passar meses a explorar os monumentos, sem nunca acabarem, [...] Nunca me deparei com um esplendor deste género em toda a minha vida. (*idem*: 247 e 252)

Viaja em tudo o que é possível: autocarros, camiões, a cavalo. Até compra um velho Austin, que não aguentou mais de 100 quilómetros, ficando abandonado na estrada.

Trata-se de um livro bastante crítico, ainda que através de meros relatos de viagem, acompanhados de comentários políticos e sociais. Algumas páginas são dedicadas à paisagem, aos célebres jardins e monumentos persas. Numa viagem pelo deserto depara-se com um monumento sepulcral da época dos mongóis, o Gumbad-i-Kabus, que também fora referido entusiasticamente e fotografado por Annemarie Schwarzenbach e Ella Maillart:

Ao deixar o planalto, sentimo-nos animados. Mas agora o nosso ânimo efervescia. Dávamos gritos de alegria e parámos o carro para que não passassem tão depressa os minutos que nos privavam daquela visão irrepetível. Naquele paraíso, até as cotovias haviam perdido o seu habitual recato. (*idem*: 286)

Criticando alguns escritos de viagem pelo uso excessivo de superlativos, penaliza-se por cair no mesmo pecado face a alguns monumentos. Porém, também sabe ser sarcástico, quando não aprecia as coisas, por exemplo, umas gravuras rupestres em Naksh-i-Rustam:

Um grupo sassânida. O rei – de calças à *cowboy* em musselina, sapatos de ponta quadrada, longas fitas ondulantes e chapéu abalonado – está virado para uma figura alegórica, com uma coroa municipal, coberta de cachos de cabelo, que poderia ter sido desenhada pelo cartoonista do Punch, Benard Partridge. (*idem*: 228)

O interesse de Byron pela literatura persa é reduzido. Refere-se normalmente em termos depreciativos, não exatamente aos textos (aqueles que entusiasmaram Goethe, Nietzsche, Edward Fitzgerald, Ralph Emerson e tantos outros), mas ao uso que deles se faz. Acha que as estátuas do Buda, barbaramente destruídas pelos talibãs há alguns anos, são simplesmente horrorosas e desproporcionais. Contudo, quando louva também não poupa nas qualificações.

Estamos, assim, perante um autor de livros de viagem com uma visão crítica, que descreve com distância a realidade da viagem e da procura do outro, numa linguagem extremamente cuidada e com valor literário.

Todavia, foi na escrita de Annemarie Schwarzenbach que encontrei uma síntese, que me parece perfeita, entre a literatura de viagens e a grande literatura.

Annemarie Schwarzenbach nasceu em 1908, em Zurique, e morreu em Sils, no cantão dos Grisões, em 1942, em consequência de uma queda de bicicleta. Filha de uma das famílias mais abastadas da Suíça, cedo começou a divergir dos planos traçados pelos pais: não aderiu ao nacional-socialismo, apesar da sua grande ligação à cultura alemã, e ao romantismo alemão em particular. Depois de estudar história e de se ter deslocado a Paris e a Berlim, começou a sua peregrinação por muitos cantos do mundo, numa permanente fuga da mãe, movida por uma tristeza permanente, uma melancolia que transparece em quase todos os seus textos, mas também movida por um intenso desejo de procura de algo que desconhece. Desde cedo começa a escrever, primeiro, pequenos textos, depois alguns romances, contos mais longos, e sobretudo relatos de viagens sobre o Médio Oriente, a Europa, incluindo Portugal, África e Estados Unidos.

Convém lembrar o que escrevera, já em 1925, ao pastor Ernst Merz:

É curioso que ninguém além de si compreenda nos meus textos aquilo que verdadeiramente me dá alegria: o tipo da palavra, a sua sonoridade, a sua beleza. Não escrevo quase nunca por amor a uma ideia, um pensamento que aparece de algum modo é somente a base e dá-me os meios para poder escrever. O conteúdo vem por ele próprio, mas escrever, dar forma – devagar, e ao mesmo tempo de modo musical: isso causa-me imensas dificuldades. (*apud* Wanner/Breslauer: 12; trad. minha)

Esta afirmação aplica-se aos textos ficcionais da autora, mas também aos relatos ou ‘textos viagísticos’, sobretudo aos escritos a partir da terceira viagem ao Médio Oriente.

Winter in Vorderasien [Inverno na Ásia Menor] é um diário de viagem, publicado em 1934. Os diversos textos são datados, desde 15 de Outubro de 1933 até 25 de Março de 1934, exceto o último (“Persepolis”), onde é relatada a viagem de regresso à Europa. A autora não tem propósitos etnográficos ou científicos. Ela viaja para si própria, quer conhecer outras realidades, longe da Europa que está a cair num caos. Quer procurar uma outra ordem, mas não a consegue encontrar. Como diz Georgiadou na sua biografia, “as montanhas persas tornam-se o palco bombástico para a sua dor do mundo, a sua falta de pátria e o seu desenraizamento” (Georgiadou 1996: 125).

O facto de Schwarzenbach não falar árabe ou farsi, a língua falada na Pérsia, que em 1935 muda o seu nome para Irão, dificulta o encontro com o Outro. Isto quer dizer que o descrito é simultaneamente auto- e heteroreferencial. Autoreferencial porque o Eu integra no texto o seu próprio sistema, os seus contextos, a autora fala muito de si e dos seus problemas e das suas relações com o mundo à sua volta; heteroreferencial porque aponta para realidades existentes fora de si, entre outras, as paisagens geográficas e sociais (vd. Vilas-Boas 2010b).

Interessa-me sobretudo olhar para a questão da escrita e da “magia da linguagem” nos textos não ficcionais da autora. Ela tem “uma grande sensibilidade para os tons intermédios suaves e para os delicados matizes” (Willems 2002: 20). Os 25 textos de *Winter in Vorderasien* são o testemunho de uma observadora perspicaz, ainda que as suas críticas sociais sejam também discretas, bastando-lhe mostrar de forma ténue, uma situação, sem comentários, para que a carga crítica possa ser desenvolvida pelo leitor.

Schwarzenbach está a entrar num território que na realidade desconhece, ainda que o relato de viagens de Gertrude Bell, que cita no livro, tenha sido um dos seus primeiros contactos com o Médio Oriente. Capta esse novo espaço pela linguagem e pela fotografia. E de novo estabelece-se aqui um interessante diálogo entre a escrita e a fotografia, sendo que ela não edita as fotos, deixando essa tarefa para o editor do livro, da revista ou do jornal. O leitor terá dificuldades em conhecer esta viajante textual: ela esconde-se atrás da descrição objetiva, ou do pronome pessoal “nós”. Contudo, o seu olhar trai-a: a melancolia, o entusiasmo por uma paisagem ou a tristeza pela pobreza que encontra, transparecem naquele discurso que vai perdendo, pouco a pouco, a impessoalidade. Através da palavra, ela vê, cheira, ouve a paisagem – ela e o leitor.

Com outros escritores viajantes, a escritora suíça partilha os campos semânticos de “silêncio”, “solidão”, “tempo”, “deserto”, “montanhas”, “infinidade”, “tristeza”, “vazio”. Contudo, projeta na paisagem a solidão que vive, contribuindo para esse estado de espírito a sua relação com o tempo: por um lado, parece-lhe que o tempo parou nestas regiões. Mas, por outro lado, parece não ter tempo, pois viajar é estar sempre em movimento: “Infelizmente não tínhamos tempo” (Schwarzenbach 2002a: 122, 158; trad. minha), confessa em mais do que um texto. Desse modo, não consegue verdadeiramente apreender o Outro.

Os textos em que ela “para” para contemplar e refletir são de uma grande qualidade literária. Face àquela realidade distante, apesar de momentaneamente tão próxima, a autora escreve: “... não se consegue fotografar dimensões e a experiência da beleza e da perfeição, só se consegue exprimir de modo incompleto.” (*idem*: 55) À dificuldade de se expressar verdadeiramente acrescenta-se o sentimento de ser levada pelo destino e não pela vontade, o que fragiliza o seu já precário sentido de segurança. Pode-se planejar os percursos, mas não as vivências.

Alguns nomes topográficos exercem nela uma espécie de fascínio pela sua musicalidade e pela sua magia inexplicável. O lado geográfico junta-se ao histórico e ganha um simbolismo novo:

Mas quem sabe ao certo, para onde é que as estradas vão e quem conhece os nomes das cidades, antiquíssimas, submersas e ressuscitadas? O caminho prolongar-se-á, a estrada ondeará infinitamente sobre as colinas, no horizonte o brilho avermelhado da cidade sem nome. (*idem*: 20 e seg.)

Os nomes são conhecidos, estão nos mapas ou em estudos arqueológicos. Porém, conhece-se verdadeiramente o que se esconde por detrás dos nomes? É aí que reside a sua magia, algo que se pode pressentir, sentir, mas não descrever objetivamente. A viajante escreve, por exemplo, sobre ‘Baalbek’: “[...] mas Baalbek pertence àqueles nomes que não se podem pronunciar de modo leviano [...]” (*idem*: 54). Ou sobre Persepolis: “O que o nome real continha ganhava aqui corpo e condensava-se, como que num ato criador, numa forma definitiva e falante.” (*idem*: 164). Assim, os nomes próprios de lugares são essencialmente linguagem, pertencem ao ato criador, ganhando uma realidade única, que a viajante apresenta aos seus leitores, eles que são apenas viajantes pela palavra. Deste modo, estes terão não só que reconstruir o espaço que leram, mas sobretudo construir um outro a partir dos seus próprios contextos, tendo em conta, na medida do possível, as perspectivas veiculadas pela autora através da narradora.

Além da parte linguística, a fotografia permite-lhe desenvolver essa estratégia de reconstrução do espaço, como ela faz notar no texto ‘Tschehel Sotun’, referindo um palácio com 20 colunas, mas que parecem 40 por causa do reflexo no lago. Schwarzenbach relativiza muitas vezes a realidade que vê ou que julga ver:

Quem não conhece a dúvida face à realidade, que nos atinge, a nós que confiamos na palavra, quando alguém ou um lugar, que o nosso amor cheio de fantasia envolveu e chamou pela palavra, toma forma real? (*idem*: 81)

Em 1939, vamos encontrar Annemarie Schwarzenbach de novo no Médio Oriente, numa viagem de Genebra a Cabul com a viajante e escritora genebrina Ella Maillart [1903-1997]. A atitude revelada nos textos desse ano é diferente. Os artigos que nos chegam em forma de livro em *Alle Wege sind offen* [Todos os caminhos estão abertos, trad. minha, exceto “A Estepe”] foram inicialmente escritos para jornais. Enquanto o primeiro livro foi publicado como tal pela autora, este segundo só apareceu em 2000, numa edição de Roger Perret. São 20 textos, dos quais 14 publicados em jornais em 1939 e 1940. As condições da viagem foram

diferentes das descritas em *Winter im Vorderasien*: ela já conhece parte da região (o efeito de reconhecimento é um aspeto a que Schwarzenbach dá frequentemente grande importância); viaja com Ella Maillart, uma viajante forte e experiente, que gosta de se relacionar com as populações autóctones, com interesses etnológicos, como nota Georgiadou (1996: 192); pelo contrário, Annemarie Schwarzenbach está fragilizada, tendo acabado de sair de uma cura de desintoxicação. Por outro lado, as condições da viagem são melhores: ela tem um carro novo, um Ford com 17 cavalos, na altura um carro de sonho. Para ela, esta viagem representava “uma fuga da Europa, da Alemanha hitleriana. Uma fuga ‘para a frente’, evitando qualquer olhar para atrás.” (Ueckmann 1998: 128; Vilas-Boas 1995 e 2010a ou Rohlf 2001).

Por todas estas razões, os textos são mais subjetivos do que relatos, mostrando o movimento da paisagem para o interior da viajante, mais do que o movimento desta em direção à paisagem. A sua sensibilidade à linguagem é maior, os textos são mais poéticos, mais ‘musicais’, o seu eurocentrismo está mais difuso. A autora confessa que não consegue distinguir claramente a realidade das lembranças de sonhos (vd. Schwarzenbach 2008: 185) e ela própria reflete(-se) na linguagem, como se pode ler no relato ‘A Estepe’:

A nossa vida parece-se com uma viagem ...”, e, deste modo, a viagem parece-me ser menos uma aventura e uma excursão por sítios estranhos, do que uma imagem concentrada da nossa existência. (*idem*: 185)

A melancolia do olhar junta-se à experiência de um tempo que parece não avançar, que parece estar estático. A este olhar surge um outro, o da apreensão: o avanço tecnológico ocidental parece ter um grande potencial destruidor. Afinal, qual dos tempos ganhará? Nesta autora não encontramos respostas. Ela não se consegue decidir, ela que viu na Europa o cataclismo da civilização ocidental e da sua tecnologia. Aprecia a extrema cordialidade dos afegãos, apesar das enormes adversidades no deserto: aqui não há só tempestades de areia, há também oásis. Transmite, por isso, uma visão pessimista, melancólica, da vida, mas que não se esgota na negatividade.

Voltemos, de novo, à ‘magia’, àquela dimensão a que esta viajante tantas vezes recorre:

A viagem, no entanto, levanta ligeiramente o véu que cobre o mistério do espaço – e uma cidade com um nome mágico e irreal - Samarcanda a dourada, Astracã ou Isfahan, a cidade do óleo de rosas, torna-se real no momento em que a pisamos e a tocamos com o nosso alento vivo. (*idem*: 186)

A magia aparece marcada pelas cores, normalmente modificadas por compostos (como “amarelo-enxofre”, “castanho-ferrugem”), mas também pela musicalidade da linguagem, sobretudo pelo ritmo e por aspetos fonológicos (como repetições fónicas, o jogo entre construções sindéticas e assindéticas). Os nomes têm um papel importante, como constitutivos desse aspeto mágico da linguagem: “Ó magia dos nomes”, escreve a viajante em “Niemandland

– zwischen Persien und Afghanistan” [A terra de ninguém – entre a Pérsia e o Afeganistão]. No artigo “Dreimal der Hindukusch” [Três vezes o Hindukush] diz que, a primeira vez que viu aquelas montanhas, queria escrever um hino:

um hino ao seu nome, pois nomes são mais do que marcas geográficas, são sons e cores, sonho e memória, são mistério, magia – e isto não tem nada de desencanto, mas um processo maravilhoso, quando, um dia, uma pessoa os volta a encontrar, carregados com luz e sombras, fogo e cinzas frias da realidade. (Schwarzenbach 2002b: 54)

Chega a escrever que não viaja “para aprender a ter medo, mas para verificar o conteúdo dos nomes e experimentar no corpo a sua magia (*idem*: 55). Não admira, por isso, a frequência com que Schwarzenbach recorre à palavra “nome”. Os nomes próprios são quase como um programa de viagem: “Resta-me a magia, o nome, o coração maravilhosamente tocado” (*idem*: 61). Vistos os textos deste modo, torna-se compreensível que alguns destes relatos parem na fronteira “entre a realidade e a visão” (*ibidem*).

Perseguida por complexos de culpa, como tantas vezes na sua vida, acha que neste período de tantas dificuldades para a humanidade “não tem direito a uma felicidade pessoal” (Perret 2000: 150). Vacila entre a resignação e o entusiasmo, nesta viagem com um forte tom de despedida:

Dizia-me a mim própria, que nunca mais voltaria à Ásia, o Afeganistão deveria continuar a ser um nome, o Hindukush e o Turquestão uma visão envolvida em sons e fumo. (Schwarzenbach 2002b: 116 e seg.)

Nesta afirmação, escrita num tom de resignação, esconde-se a sua dificuldade de escrita: “nunca mais pegarei numa caneta, nunca mais escreverei uma folha de papel”. O texto em que estas duas citações se inserem, “Cihil Sutun”, é um texto de despedida: da Ásia, do seu amor por uma mulher, mas também uma despedida das esperanças que acalentou antes da partida de Genebra, de conseguir ultrapassar a dependência da droga:

Não aprendi muitas coisas novas, mas vi tudo, senti tudo no meu corpo – e mesmo nos confins do mais longínquo deserto de Lata só senti a dor inflexível da despedida. (*idem*: 117)

Viajar é também uma luta contra o esquecer-se de que a vida é uma viagem, um percurso:

Esquecemo-lo para não sermos obrigados a ter medo. [...] Na viagem vai mudando a face da realidade, com as montanhas, os rios, com a forma como as casas são construídas, os jardins plantados, com a língua, com a cor da pele. E a realidade de ontem arde ainda na dor da despedida, a de anteontem é já um episódio encerrado, que nunca mais voltará; o que se passou há um mês é sonho e vida passada. (Schwarzenbach 2008: 186,187)

A ideia da despedida dos homens e das paisagens cruza-se em muitos destes artigos; na verdade, uma viagem, como um acumular de episódios, pode ser vista como uma sucessão de despedidas.

Acabámos de analisar textos de três autores que representam três modos distintos de escrita perante uma mesma realidade, o Irão e o Afeganistão. Há algumas coincidências nos discursos europeus sobre a zona, correspondendo a imagens feitas, a estereótipos, que servem de base às observações destes viajantes.

Igualmente comum a todos eles é a consciência da identidade do Outro, a construção de um espaço e de um tempo a partir das construções feitas por viajantes textuais a partir de viagens reais. O leitor tem de estar consciente de que só está em face de representações, de construções textuais.

Outros pontos em comum são a nostalgia da perda de uma identidade cultural persa e afegã no processo de modernização, as críticas à excessiva burocracia, às dificuldades de deslocação por causa de uma péssima rede de estradas, a questão do *tchador*, a incompreensão de muitas questões ligados ao Islão e às diferentes mentalidades que provocam alguns choques na aproximação.

Distanciam-se, no entanto, no modo como constroem o Outro pela palavra. Apesar de, para os três autores abordados, a grandiosidade do espaço, a apreensão e a emotividade vivencial serem preocupações comuns e de difícil tradução em palavras, a atitude revelada é diferente. Para von Rosen, trata-se essencialmente de descrever realidades estranhas à sua visão europeia; Byron tem uma atitude crítica perante o Outro; para Schwarzenbach, a escrita é essencialmente marcada pela solidão, sabendo que logo que se chega, a despedida já está à espreita; por isso, a dor da despedida faz parte integrante da viagem, uma vez que todas as relações com pessoas e paisagens são efémeras.

Notamos que os três autores aqui analisados, e muitos outros com que tenho lidado, estão bem inseridos no discurso europeu sobre o Médio Oriente. Muito diferente daquele que podemos ler hoje, por exemplo, no maravilhoso texto do espanhol Higinio Polo.

Ler estes textos constitui, portanto, ainda hoje, uma perspetiva simultaneamente histórica e atual, um modo de viajar pela história através das experiências pessoais de cada escritor-viajante, sempre através da palavra em contextos literários específicos.

As viagens são sempre únicas, levadas a cabo por indivíduos, que depois as recriam pela linguagem e que, por sua vez, irão dar lugar a inúmeras viagens através dos leitores, também eles únicos, como única é qualquer leitura. Do ponto de vista da leitura, dimensão que nunca ignoro ao ler e ensinar literatura, a literatura de viagens é um enorme desafio. Ler textos de viagem é seguir mapas, que são, como diz Thacker, “formas suplementares de textualidade” (Thacker 2002: 11). Por isso, muitos textos são acompanhados de mapas, que complementam os mapas textuais e os mapas subjetivos do viajante (*idem*: 20).

É essa dimensão que tenho tentado transmitir, enquanto professor, a múltiplas gerações de estudantes. Porém, há que reconhecer, que o interesse da chamada ‘literatura de viagens’, do ponto de vista da escrita, é desigual. Se alguns textos não se afastam muito dos ‘travelogues’, a verdade é que é no trabalho sobre a palavra e sobre a linguagem que reside o lado verdadeiramente literário.

E, assim termino esta pequena viagem de jubilação. Agradeço o terem participado nela, assim como à Faculdade de Letras, na pessoa da sua Diretora, Professora Doutora Fernanda Ribeiro, ao meu Departamento, na pessoa do seu Diretor, Professor Doutor John Greenfield, ao ILC, na pessoa da sua coordenadora, a Professora Doutora Ana Paula Coutinho, o terem organizado esta homenagem, e agradeço a todos os que aqui estiveram nesta viagem comigo. Muito OBRIGADO a todos.

Referências Bibliográficas

- Byron, Richard (1981), *The road to Oxiana*, London, Picador/Pan. Trad. Portuguesa *A Estrada para Oxiana*, trad. Raquel Mouta, Lisboa, Tinta-Da-China, 2014.
- Cronqvist, Marie/ Agneta Edman (2001), "Resa i centrum. Bild, text, modernitet och tradition i två reseskildringar av Maud von Rosen", in Lars M. Andersson, Lars Berggren & Ulf Zander (red.), *Mer än tusen ord. Bilden och den historiska vetenskaperna*, Lund, Nordic Academic Press: 245-266.
- Decock, Sofie/ Uta Schaffers (Hgg.) (2008), *inside out. Textorientierte Erkundungen des Werks von Annemarie Schwarzenbach*, Bielefeld, Aisthesis.
- Fell, Karolina (1998), *Kalkuliertes Abenteuer. Reiseberichte deutschsprachiger Frauen (1920-1945)*, Stuttgart/Weimar, Metzler.
- Georgiadou, Areti (1996), *Annemarie Schwarzenbach. Das Leben zerfetzt sich in mir in tausend Stücke. Biographie*, Frankfurt a. Main/New York, Campus Verlag.
- Hallet, Wolfgang/ Neumann, Birgit (Hg.) (2009), *Raum und Bewegung in der Literatur. Die Literaturwissenschaften und der Spatial Turn*, Bielefeld, transcript Verlag.
- Holland, Patrick/ Huggan, Graham (2000), *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*, Michigan, The University of Michigan Press.
- Knox, James (2004), *A biography of Robert Byron*, London, John Murray.
- Lisle, Debbie (2006), *The Global Politics of Contemporary Travel Writing*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Murath, Clemens (1995), "Intertextualität und Selbstbezug – literarische Fremderfahrung im Lichte der konstruktivistischen Systemtheorie", in Anne Fuchs/Theo Harden (Hrsg.), *Modell der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne. Tagungsakten des Internationalen Symposiums zur Reiseliteratur, University College Dublin vom 10.-12. März 1994*, Heidelberg, C.Winter, S. 3-18.
- Pelz, Annegret (1993), *Reisen durch die eigene Fremde. Reiseliteratur von Frauen als autogeographische Schriften*, Köln, Weimar, Wien, Böhlau Verlag.
- Perret, Roger (2000), "'Meine ins Ferne und Abenteuerliche verbannte Existenz'", in Annemarie Schwarzenbach, *Alle Wege sind offen. Die Reise nach Afghanistan 1939/1940*, Basel, Lenos, S. 139-160.
- Polo, Higinio (2002), *Irán: Memorias del Paraíso*, Barcelona, Montesinos.
- Rohlf, Sabine (2001), *Exil als Praxis – Heimatlosigkeit als Perspektive? Lektüre ausgewählter Exilromane von Frauen*, München, text+kritik.
- Said, Edward W. (1995), *Orientalism. Western conceptions of the Orient*, London, Penguin Books.

- Thacker, Andrew (2002), "Journey with Maps: Travel Theory, Geography and the Syntax of Space", in Charles Burdett/Derek Duncan, *Cultural encounters : european travel writing in the 1930s*, Berghahn Books, New York: 11-28.
- Schwarzenbach, Annemarie (2002a), *Winter in Vorderasien. Tagebuch einer Reise*, Basel, 2^a ed..
- (2002b), *Alle Wege sind offen. Die Reise nach Afghanistan 1939/1940*, ed. Roger Perret, Basel, Lenos.
- (2008), "A Estepe", trad. André Silva e Catarina Ramos, revisão de Teresa Martins de Oliveira. *Cadernos de Literatura Comparada* 18, 6/2008: 185-189.
- Ueckmann, Natascha (1998), "Annemarie Schwarzenbach: Ethnographin ihrer eigenen Kultur und Psychographin ihrer selbst", in Elvira Willems (Hrsg.), *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler, Centaurus, S. 119- 136.
- (2001), *Frauen und Orientalismus. Reisetexte französischsprachiger Autorinnen des 19. und 20. Jahrhunderts*, Stuttgart u. Weimar, Metzler.
- Vilas-Boas, Gonçalo (1995), „"Alles ist ein Fortgehen". Einblicke in Annemarie Schwarzenbachs vorderasiatische Reiseberichte und Erzählungen", in Anne Fuchs/Theo Harden (Hrsg.), *Modell der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne. Tagungsakten des Internationalen Symposiums zur Reiseliteratur, University College Dublin vom 10.-12. März 1994*, Heidelberg, C. Winter, S. 343-357.
- (2010a), „'Et maintenant se fait l'unité entre ce qui parle en moi, et le monde du dehors. Annemarie Schwarzenbachs Afrika-Texte", in Mirella Carbone, *Annemarie Schwarzenbach. Werk, Wirkung, Kontext*, Aisthesis, München: 75-97.
- (2010b), „Um olhar pela escrita de Annemarie Schwarzenbach", in Emília Tavares e Sónia Serrano, *Auto-retratos do mundo. Annemarie Schwarzenbach 1908-1942*, Tinta-Da-China, Lisboa: 97-112.
- von Rosen, Maud (1935), *Insh'Allah (om Gud vill). Upplevelser och äventyr under en resa i Persien*, Stockholm, Lars Hökerbergs Bokförlag. Trad. inglesa *Persian Pilgrimage. Being the story of a journey through Persia with its experiences and adventures* (1937), London, Robert Hale.
- Wanner, Kurt/ Marianne Breslauer (1997), "wo ich mich leichter fühle als anderswo". *Annemarie Schwarzenbach und ihre Zeit in Graubünden*, Chur, Verlag Bündner Monatsblatt.
- Willems, Elvira (2002), "Neugierig, wissensdurstig, ungeduldig, unterwegs – allein". *Annemarie Schwarzenbachs Reisen nach Vorderasien*, Hagen, Universitätsbibliothek.



O texto que agora se publica é a “última lição” proferida por Gonçalo Vilas-Boas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no dia 3 de Junho de 2015. Depois de descrever em linhas gerais o seu percurso como professor de literatura, o texto foca uma das áreas que mais o interessou nos últimos anos, a literatura de viagens, para se concentrar em três escritores que viajaram pelo Médio Oriente nos anos 30 e que nos deixaram o seu testemunho. São eles a sueca Maud von Rosen, autora de *Insh'Allah! A história de uma viagem através da Pérsia com as suas experiências e aventuras*, de 1935, o inglês Robert Byron e o livro *Road to Oxiana*, de 1935, e a suíça Annemarie Schwarzenbach, autora de *Winter in Vorderasien*, um diário de viagem, publicado em 1934. Trata-se de três autores com alguns pontos em comum, mas que representam modos distintos de escrita perante uma mesma realidade, o Irão e o Afeganistão, e que manifestam diferenças na maneira como tratam literariamente a viagem.

ISBN 978-989-8648-58-7



9 789898 648587

